

## **RELAÇÃO, SIMILITUDE E NEXO: apesar de sinônimos os termos têm aplicação diversa**

De acordo com Ferreira (1999, p. 1.735) o termo relação apresenta 13 (treze) significados, a saber: “[...] ato de relatar, relato; descrição; lista; semelhança, aparência, analogia; referência, vinculação; comparação entre duas quantidades mensuráveis; antiga denominação comum aos tribunais de justiça de segunda instância; filios; operação que determina a agregação ou a conexão de dois objetos; correspondência entre conjuntos, ou a expressão dessa correspondência; mús.; e relacionamento”.

O citado autor no que concerne à similitude apresenta a palavra semelhança, e um outro significado relacionado a homeopatia, um princípio básico segundo o qual toda substância capaz de determinar certas manifestações em indivíduo saudável é susceptível de fazer manifestações análogas em um indivíduo doente.

Já a palavra “nexo”, ainda segundo Ferreira (1997), significa “[...] ligação, vínculo, união, coerência, junção comunicante”.

Por seu turno, Appolinário (2007) vincula o termo à relação entre variáveis e os eventos de coleta de dados ao longo de realização de uma pesquisa. “[...] Em relação ao tempo, uma pesquisa pode ser longitudinal ou transversal [...]”.

Kerlinger (2009, p. 70), na sua obra intitulada “Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais” dedica o 4º capítulo do livro acerca da terminologia, chegando a asseverar que “[...] o único meio de explicar uma coisa, é determinar de que maneira esta coisa se relaciona com outras coisas”. O autor associa relação às variáveis, estas por sua vez estão no campo da estatística, que é “[...] filha da probabilidade”. Entende Kerlinger que a estatística por meio da probabilidade, “[...] em parte é um instrumento que mostra aos cientistas em que medida o resultado de suas pesquisas é seguro, e, assim, quanto suas asserções são dignas de confiança”.

Em que pese a relevância da estatística e da probabilidade para as pesquisas científicas, não se pode circunscrever que toda investigação científica tem, necessariamente, que passar pelo

crivo da abordagem quantitativa, principalmente quando o objeto a elucidar/desnudar esteja no campo das Ciências Humanas e das Ciências Sociais.

A hermenêutica - entendida como a arte da interpretação e comunicação humanas, a fenomenologia - entendida como compromisso em centrar o objeto das ciências sociais na busca do subjetivo, do existencial, do cotidiano. Outros exemplos- a pesquisa participante ou pesquisa-ação, que parte do princípio da relação indestrutível entre teoria e prática; o estudo de caso, que objetiva, dentre outros aspectos, reunir os dados relevantes sobre o objeto de estudo - a pós-graduação *stricto sensu* de uma instituição universitária - e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto, dissipando as dúvidas, esclarecendo questões pertinentes, e, sobretudo, instruindo ações posteriores.

Ainda na esteira da abordagem qualitativa pode-se citar a análise de conteúdo - forma de interpretar o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair significados temáticos ou os significantes lexicais, por meio dos elementos mais simples de um texto. Tomando-se o exemplo da pós-graduação *stricto sensu* de uma instituição universitária, a partir dos elementos constitutivos de seus programas/cursos, com o fulcro de identificar a frequência ou constância dessas unidades para fazer inferências e extrair os significados inscritos no texto.

Segundo Minayo (2008, p. 21), “A abordagem qualitativa se ocupa nas Ciências Humanas e Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, elas trabalham com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Corrobora-se com a citada autora quando afirma:

Por isso não existe um ‘*continuum*’ entre abordagens quantitativas e qualitativas, como muita gente propõe, colocando uma hierarquia em que as pesquisas quantitativas ocupariam um primeiro lugar, sendo ‘objetivas e científicas’. E as qualitativas ficariam no final da escala, ocupando um lugar auxiliar e exploratório, sendo subjetivas e impressionistas.

Se em um enunciado do problema de uma pesquisa, cujo objeto se encontre no campo das Ciências Sociais ou Humanas, contiver a palavra “relação” que, inevitavelmente remete a tratamento estatístico e probabilístico, o pesquisador poderá substituir o termo por outro mais em sintonia com as características da abordagem qualitativa, por exemplo, “similitude” ou “nexo”, porque o tratamento qualitativo se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível

de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados (MINAYO, 2008).

Reforça-se, enfim, o argumento supramencionado, principalmente quando o pesquisador não está trabalhando com hipótese de pesquisa, mas optou por questões norteadoras, a partir de um enunciado claro e, de igual modo, os objetivos (geral e específicos). A abordagem qualitativa nesse caso, dependendo de sua espécie/tipologia adotada, poderá elucidar/desnudar a problemática, sem necessariamente utilizar métodos estatísticos/probabilísticos.

#### **Referências:**

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

KERLINGER, Freed Nichols. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. [Tradução Helena Mendes Rotundo; revisão técnica José Roberto Malufe]. São Paulo: EPU, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.